

Este texto surge de uma aula, uma aula que não encontrou seu lugar no espaço físico da Faculdade de Educação da USP, que não parece caber no tempo como o conhecíamos e que se debate nos limites das definições mais comuns ao que chamamos “aula”.

No início deste semestre iniciei minhas aulas de Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque filosófico com uma turma noturna de licenciatura e de Filosofia da Educação com uma das turmas ingressantes no curso de Pedagogia. Para esta última, apresentei como proposta do programa trabalharmos com uma filosofia da educação a ser construída a partir de algumas abordagens contemporâneas acerca de temas caros para a filosofia, centradas na presença, atravessada pela história e pela experiência vivida, do sujeito no mundo.

Com a pandemia de COVID-19, nos retiramos das salas de aula. E com sorte – e privilégios – algumas e alguns de nós pudemos nos isolar em casa para nos protegermos. Com essa distância, o tempo e os vínculos começaram a ser repensados e revividos, não no sentido de voltar à vida, mas de renovar-se, ainda que essa revivescência insistisse em apresentar-se como recordação e memória da vida como conhecíamos há algumas semanas.

Foi e tem sido muito difícil reinventarmos os modos de viver e principalmente o da vida que há nas relações que se desenham em sala de aula. A partir de diálogos, leituras e reflexões sobre o momento em que nos encontramos, decidi compartilhar textos com minhas turmas, textos, no próprio corpo do e-mail, com comentários e perguntas para reflexão que acompanhassem os textos propostos nos programas. Esta pareceu-me uma das formas mais simples de serem acessadas pela maioria, uma vez que é econômica no que diz respeito ao consumo de dados para *download*. Sabemos que o acesso à Internet é uma das dificuldades, que se acentuam neste momento, de grande parte dos estudantes. E não é a única. Compartilhei com minhas turmas outras dificuldades que imaginei que pudessem estar enfrentando: Como estão vocês agora? Com quem vocês estão passando a quarenta? Será que estão cuidando de alguém? E será que vocês puderam se afastar do trabalho? Qual é a qualidade do computador, *tablet* ou celular e a quantidade de dados que vocês tem disponíveis, e seria possível utilizá-los agora para os estudos? Com quem vocês dividem esses aparelhos? Em casa, há um espaço tranquilo para escutar, ler ou assistir o material das aulas? Quais os impactos desta crise nas suas vidas?

¹ Texto escrito entre os meses de Abril e Maio de 2020.

Um dos temas trabalhados em Filosofia da Educação foi a existência, por meio de uma passagem do livro *Por uma moral da ambiguidade* (1947) de Simone de Beauvoir, filósofa cujo pensamento foi meu objeto de trabalho no mestrado e no doutorado. Considero este texto importante para nos aproximarmos de elementos básicos da filosofia de Beauvoir – e deles destaquei em meus comentários aqueles que podem contribuir para uma filosofia da educação –, dentre os quais está o ato de justificar nossa existência no mundo, ou seja, de preencher o vazio e a contingência da existência humana. Tomando este ângulo, me deparei com um vazio pulsante e com a liberdade, da qual fala Beauvoir, para justificarmos nossa existência amplificada neste período de isolamento. Tenho em mente uma imagem de um indivíduo cada vez mais junto de si, mais próximo do seu próprio vazio e com a responsabilidade de se reinventar agora em novos termos a cada dia.

Assim, foi a partir dessa imagem que percebi que o texto acompanhante ao texto de Beauvoir que produzi para a turma de Pedagogia poderia ser de interesse comum. Seguindo esse palpite, desdobrei este preâmbulo, compartilho o texto produzido e ao final dele, acrescento algumas outras considerações e questões que esse percurso me suscita.

Alguns comentários sobre trecho da segunda parte de *Por uma moral da ambiguidade* (1947)

Infância

Ponto de partida da perspectiva existencialista da filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908 – 1986): não há nada exterior à nossa consciência que determine nossa experiência no mundo e nem mesmo o que somos. A essência do humano é caracterizada pela ausência de ser: o ser humano não é. Essa ausência de ser é preenchida a cada escolha, a cada ato, em nossa presença no mundo, que realizamos pelo o que a autora chama projeto. O ser humano se lança no mundo, projetando-se a um futuro aberto, para justificar a sua existência e assim tornar-se o que almeja ser. Contudo, é importante destacar que este é um movimento contínuo; nossas escolhas, as ações que elas suscitam e o que nos tornamos não se fixam e, por conseguinte não nos determinam de uma vez e para sempre. E esse movimento é possível porque nos compreendemos como consciências criadoras de uma realidade.

Contudo, quando criança, ainda que o indivíduo perceba-se enquanto consciência e compreenda a singularidade de sua experiência, os efeitos de seus atos ainda esbarram nos limites da realidade construída pelos adultos.

O que caracteriza a situação da criança é que ela se encontra lançada num universo que ela não contribuiu para constituir, que foi moldado sem ela e que lhe aparece como um absoluto ao qual só pode submeter-se; aos seus olhos, as invenções humanas: as palavras, os costumes, os valores são fatos dados, inelutáveis como o céu e as árvores; isso quer dizer que o mundo em que ela vive é o mundo da seriedade, uma vez que o próprio do espírito da seriedade é considerar os valores como coisas prontas. (BEAUVOIR, 2005, p. 35)

Desse modo, o indivíduo já nasce situado em uma realidade em que há instituições, valores, consensos, estruturas fundadas pelas ações dos outros, dos adultos que já estão aqui presentes. Tanto as instituições de nossa sociedade como os valores da família em que crescemos compõem essa situação. São esses projetos alheios que aparecem então à criança desde recém nascida como verdades absolutas, como única realidade possível. Assim, se uma criança brinca, finge ser um animal ou um monstro, por exemplo, é dentro do espaço e do tempo e sob o olhar dos adultos. O mesmo olhar que ora recompensa ora pune seus comportamentos e que no reforço ou na exclusão desses comportamentos parece determinar à criança aquilo que ela é em absoluto.

O mundo verdadeiro é o dos adultos, e nele só lhe é permitido respeitar e obedecer; singelamente vítima da miragem do para outrem, ela acredita no ser de seus pais, de seus professores: ela os toma pelas divindades que eles em vão tentam ser e cuja aparência eles se comprazem a imitar diante de olhos ingênuos; as recompensas, as punições, os prêmios, as palavras de elogio ou de acusação insuflam nela a convicção de que existem um bem, um mal, fins em si, como existem um sol e uma lua; nesse universo de coisas definidas e plenas, ela acredita ser também de maneira definida e plena: ela é um bom menino ou um mau sujeito, compraz-se nisso; se algo secreto nela desmente essa convicção, ela dissimula essa tara; consola-se com uma inconsistência que atribui à sua tenra idade e aposta no futuro: enquanto espera, representa ser; ser um santo, um herói, um ladrão; sente-se semelhante a estes modelos de que seus livros desenham imagens inequívocas em grandes traços: explorador, salteador, irmã de caridade. (BEAUVOIR, 2005, p. 36)

Sabemos que nem todas as crianças possuem a mesma experiência na relação com os pais e com os professores e que nem sempre terão a oportunidade de brincar de imaginar-se um santo, um herói ou um ladrão ou de conhecer os traços de um explorador em um livro, como descrito no trecho citado acima, mas o que é comum a toda criança, a todo ser humano que vivencia a infância é o privilégio metafísico.

Primeiramente, o que é metafísica para Beauvoir? Conforme uma perspectiva existencialista, a filósofa compreende o sujeito a partir de sua existência, da presença humana no mundo, e a realidade, a partir dos projetos que se desdobram do desvelamento da consciência daquilo que há ao seu redor – e por desvelamento a autora se refere ao significado humano atribuído ao mundo, não apenas ao mundo físico, mas aos valores e às noções de moral que são construídas, bem como ao outro, nas relações intersubjetivas. Nesse sentido,

pode-se compreender que tudo o que conhecemos, da forma como conhecemos, primeiramente surge como desvelamento do sujeito e então, a partir dos projetos desse sujeito, que transcendem a condição da espécie humana, por um movimento criador interfere no mundo e se torna realidade. Vale notar que esse sujeito não está sozinho, ou seja, as construções sociais resultam do entrecruzamento de projetos, do desvelamento de diversas consciências. Nesse contexto, uma moral, assim como regras e leis, por exemplo, não advêm de um destino ou de qualquer plano sobrenatural que determine a realidade em que vivemos. Não há também para Beauvoir verdades absolutas, conceitos filosóficos rígidos ou realidades que estejam além daquela que os indivíduos experienciam num plano concreto; nesse sentido, não há metafísica para a autora. Para ela, a metafísica é da ordem do ser, ela afirma no texto *Literatura e metafísica* (1945) que não se *faz* metafísica como se faz matemática ou física; “‘fazer’ metafísica é ‘ser’ metafísico, é realizar em si a atitude metafísica que consiste em pôr-se na sua totalidade em face da totalidade do mundo.” (BEAUVOIR, 1965, p. 87) Em outras palavras, ser metafísico é descobrir a sua própria existência em seu corpo e ao mesmo tempo perceber a sua relação livre e contingente com o mundo, bem como a sua presença nele.

Todos os acontecimentos humanos possuem, para além dos seus contornos psicológicos e sociais, uma significação metafísica pois que, através de cada um deles, o homem empenhou-se sempre inteiramente num mundo completo: e, sem dúvida, não há ninguém que se não tenha descoberto em qualquer momento da sua vida. (BEAUVOIR, 1965, p. 87)

Daí a situação de privilégio da criança, que não percebe essa liberdade na sua própria existência enquanto está sob o teto de regras e valores criado pelos adultos.

Adultos infantilizados por situações de opressão

A situação da criança, à qual Beauvoir se refere como “privilégio metafísico”, não deve perpetuar-se, ela tende a se desfazer na medida em que o indivíduo cresce e observa comportamentos diferentes, e também as contradições, entre os adultos, ao mesmo tempo em que determinados papéis já lhe são atribuídos. Mas em algumas situações, a saber, nas situações de opressão, indivíduos adultos não compreendem a si próprios como sujeitos autônomos ou, ainda, qualquer ação ou intenção daquele indivíduo de afirmar sua subjetividade é tolhida por um outro, que se considera Um, que se afirma como sujeito absoluto, seja pelo reconhecimento de sua suposta superioridade no âmbito social, por suas condições materiais ou até mesmo por imposição pelo uso da força física. Beauvoir destaca a

situação de opressão de pessoas negras em uma sociedade escravagista e de mulheres do Oriente e do Ocidente em ambientes sexistas.

Beauvoir refere-se a “escravos que ainda não se elevaram à consciência de sua escravidão” e escreve sobre “os negros que se submetiam docilmente a seu [dos plantadores do Sul] paternalismo”. Podemos então nos perguntar: a situação de escravidão decorre da falta de consciência do escravo a respeito dessa situação e também de sua submissão? Houve escravos que “respeitavam o mundo dos brancos”? (Cf. BEAUVOIR, 2005, p. 37) Se um escravo não transcendia a sua situação de escravidão, não quer dizer que ele não reagia àquela situação, nem que se submetia a ela ou a respeitava. Vale neste momento um breve excuroso em *Mulheres, raça e classe* (1981) da filósofa estadunidense Angela Davis (1944 –), que destaca a resistência de homens negros e mulheres negras escravizados nos Estados Unidos. Entre 1642 e 1864, ela assinala, dentre as formas de resistência estavam confrontos, revoltas, fugas, sabotagens e o aprendizado da leitura e da escrita em escolas noturnas. No que diz respeito especificamente à resistência de mulheres em situação de escravidão, Davis escreve:

Se as mulheres negras sustentavam o terrível fardo da igualdade em meio à opressão, se gozavam de igualdade com seus companheiros no ambiente doméstico, por outro lado elas também afirmavam sua igualdade de modo combativo, desafiando a desumana instituição da escravidão. Resistiam ao assédio sexual dos homens brancos, defendiam sua família e participavam de paralisações e rebeliões. [...] elas envenenavam os senhores, realizavam ações de sabotagem e, como os homens, se juntavam às comunidades de escravos fugitivos, seguindo com frequência rumo ao Norte em busca de liberdade. Dos numerosos registros sobre a repressão violenta que os feitores infligiam às mulheres, deve-se inferir que aquela que aceitava passivamente sua sina de escrava era a exceção, não a regra. (DAVIS, 2016, p. 31)

Beauvoir comenta também sobre a situação de mulheres que tomam por verdades as perspectivas e compreensão do mundo de seus maridos ou amantes, dos homens em geral; esta situação descrita pela autora reflete imagens que aparecerão em *O segundo sexo* (1949), livro que começa a ser escrito no mesmo ano da publicação de *Por uma moral da ambiguidade* (1947). São frequentes em *O segundo sexo* imagens da realidade de donas de casa burguesas que, na descrição e na análise de Beauvoir, parecem sentir-se privilegiadas na posição de “rainha do lar”, financeiramente sustentadas por maridos que não apenas garantem a sua condição material, mas lhes dão a sua própria visão de mundo, as suas verdades, como fazem os adultos com as crianças. Entretanto há uma diferença entre a situação da criança e a dessas mulheres: no que concerne ao momento da vida, a mulher não é uma criança, é uma adulta que percebe sua presença no mundo e sua relação com ele. Aliás, na aspereza, na fúria que demonstram ao contestarem os papéis infantis aos quais a sociedade as impele, como

lemos em *Por uma moral da ambiguidade*, fica claro que a mulher também afirma a sua subjetividade no mundo.

Nesse sentido, para Beauvoir, a mulher também é uma consciência autônoma e desvela o mundo; daí dizer que essa mulher escolhe ou consente sua situação. E aqui é importante conhecermos o significado da noção de escolha em Beauvoir. A filósofa não quer dizer, ao sugerir que um indivíduo oprimido escolhe, que uma vítima seja responsável pela opressão que sofre, mas que está presente no mundo, e dar-se conta dessa presença implica escolher. Ao ser humano não é possível escapar de sua subjetividade, da apreensão do mundo e do outro por meio de sua consciência. Num plano ontológico, a liberdade é intrínseca a toda existência humana. Todo ser humano é livre, caracterizado por uma ausência de ser a ser preenchida a cada instante pelo desvelamento do ser, mas sem a possibilidade de fixar o ser, ou seja, de ser num sentido absoluto. Ser na perspectiva existencialista beauvoiriana é tornar-se. Porém, num plano concreto, da realidade socialmente construída, a liberdade humana, intrínseca à existência, ao menos em potencial, nunca aniquilada enquanto o indivíduo estiver vivo, é limitada por uma situação, que é o conjunto das condições materiais, sociais e históricas. A forma como este indivíduo é visto por outrem e os papéis que lhe são destinados pesam significativamente em sua situação. Assim, nós, seres humanos, escolhemos o tempo todo, mas cada escolha é uma escolha em situação.

Em uma sociedade sexista, situada enquanto um ser humano inferior em relação ao homem, por vezes não há saída segura para a mulher proteger-se, garantir o seu sustento ou mesmo ser reconhecida dignamente pela sociedade a não ser no papel de esposa. Sua situação a impele a escolher algo diferente do que ela deseja. Essa escolha, para Beauvoir, é uma escolha inautêntica, uma atitude de má-fé. Quanto ao termo má-fé, este não tem o mesmo sentido da expressão que utilizamos comumente em nosso dia a dia, mas remete a um auto engano. A autora não pretende julgar moralmente as escolhas inautênticas, mas, ao considerar toda ação humana uma escolha, reforça que há sempre um sujeito, que pensa, define e julga o que há ao seu redor, mesmo que sua situação limite as suas ações no mundo.

Adolescência

Excetuada as situações de opressão, em que a subjetividade de um indivíduo é desconsiderada, como vimos acima, não é comum o mundo infantil se manter além da adolescência.

Desde a infância, falhas já se revelam; no espanto, na revolta, no irrespeito, a criança pouco a pouco se interroga: por que é preciso agir assim? para que isso é útil? E se eu agisse de outra maneira, o que aconteceria? Ela descobre sua subjetividade, descobre a subjetividade dos outros. E quando chega à idade da adolescência, todo o seu universo começa a vacilar porque ela percebe as contradições que opõem os adultos uns aos outros e também as hesitações e fraquezas deles. Os homens deixam de lhe aparecer como deuses, e ao mesmo tempo o adolescente descobre o caráter humano das realidades que o cercam: a linguagem, os costumes, a moral, os valores, têm sua fonte nessas criaturas incertas; chegou o momento em que será chamado a participar também dessa operação; seus atos pesam sobre a terra tanto quanto os dos outros homens, ele precisará escolher decidir. (BEAUVOIR, 2005, p. 38)

Se a adolescência é um período de crise, primeiramente, há nela uma dificuldade conhecida pelo adolescente que é de ordem existencial, uma vez que o jovem tem de assumir sua subjetividade. Nessa passagem a criança se livra do caráter absoluto atribuído ao mundo dos adultos ao mesmo tempo em que conhece o desamparo e o vazio da liberdade para criar o mundo.

[É] a adolescência que aparece como o momento da escolha moral: então sua liberdade se revela e é preciso decidir sobre sua atitude em relação a ela. Sem dúvida, essa decisão sempre pode ser recolocada em questão, mas de fato as conversões são difíceis, pois o mundo nos manda de volta o reflexo de uma escolha que se confirma através deste mundo que ela moldou; assim se fecha um círculo cada vez mais rigoroso, do qual fica cada vez mais improvável que se possa escapar. A infelicidade que vem ao homem por ele ter sido uma criança reside, pois, no fato de que sua liberdade lhe foi primeiramente mascarada e de que por toda a sua vida ele conservará a nostalgia do tempo em que ignorava as exigências dela. (BEAUVOIR, 2005, p. 39)

Passamos por essa virada da qual fala Beauvoir. Ainda que naquela passagem não a compreendêssemos sob esse ângulo filosófico, hoje podemos fazer o exercício de olhar para nossas lembranças a partir dessa perspectiva baseada na existência proposta pela autora. Considerar esse vazio do ser e a brusca ruptura que marca o adolescente durante a descoberta desse desamparo existencial – descoberta que ocorre diante da presença de outrem que, apesar de encontrar-se nas mesmas condições existenciais do jovem, exige dele decisões, comportamentos, o cumprimento de normas e regras – pode abrir nossos horizontes para compreendermos a adolescência para além de caricaturas.

Tomemos, por exemplo, as discussões sobre maioridade penal: é comum nos depararmos com quem defenda a diminuição da idade que corresponda à maioridade penal por compreender que se o indivíduo comete uma falta, um crime, é por ter idade suficiente para assumir a responsabilidade por seus atos como um adulto. Mas em que medida conhecemos os nossos atos, principalmente assim que deixamos a infância, e como o mundo dos adultos nos recebe para que passemos a criar nossa moral e nossos valores sem experiências passadas, sem ponto de partida, apenas a partir do teto edificado por gerações

anteriores que acaba de ruir? E se considerarmos a situação na qual o indivíduo se encontra, compreenderemos que a falta, o crime, que ele comete muitas vezes é a saída que lhe aparece como mais viável para o lugar que lhe é dado no mundo, no qual pouco consegue vislumbrar um futuro sem tantas coerções, que chega a sentir na pele, no corpo, à sua subjetividade, como a realidade que conhece no presente. A escolha envolve experiência vivida e temporalidade.

A escolha moral é livre e, portanto, imprevisível; a criança não contém este homem que ela se tornará; entretanto, é sempre a partir do que foi que um homem decide sobre o que quer ser: no caráter que confirmou para si, no universo que lhe é correlativo, ele colhe as motivações de sua atitude moral; ora, esse caráter, esse universo, a criança os constituiu pouco a pouco, sem prever seu desenvolvimento; ela ignorava o rosto inquietante desta liberdade que ela exercia irrefletidamente, abandonava-se com tranqüilidade a caprichos, risos, lágrimas, cóleras que lhe pareciam ser amanhã e sem perigo e que no entanto deixavam nela impressões indeléveis. (BEAUVOIR, 2005, p. 39)

Por fim, não deixo de destacar também que, para Beauvoir, uma escolha, um ato, não define o indivíduo para sempre. Assim, fracassos não são definitivos. No plano ontológico, da ordem do ser, a liberdade não se separa da existência humana; no plano moral, o indivíduo, a partir de sua liberdade justifica a sua existência por suas atitudes, a cada instante, e por toda vida.

Daqui do isolamento

Cá estamos absolutamente e irreversivelmente coincidentes com a liberdade no plano ontológico, ao mesmo tempo em que nossa situação e a história nos atravessam – Beauvoir escreve em sua célebre obra *O segundo sexo*: “a definição do homem [ser humano] é que ele é um ser que não é dado, que se faz ser o que é. Como o disse muito justamente Merleau-Ponty, o homem não é uma espécie natural: é uma ideia histórica.” (BEAUVOIR, 2009, p. 67) Nós, seres humanos não apenas fazemos algo de nossa existência por meio de nossos projetos, mas também criamos a realidade e constituímos essa mesma história que nos atravessa. Ainda que nossa condição influa na forma como apreendemos nossa subjetividade e nos limites de nossas escolhas, na visão beauvoiriana, há sempre um movimento de tomada de consciência da existência pelo sujeito; daí poderíamos então conceber uma imagem do desamparo do encontro consigo, no qual, mesmo permeado por crenças, instituições e valores, o sujeito não escapa de sua própria consciência e dos caminhos que ela toma.

Em meio à pandemia, temos informações baseadas em pesquisas científicas sobre a importância do isolamento social, e cabe a nós a decisão pela atitude de ficar em casa e dar

uma pausa nas atividades dentre as quais muitas davam sentido à nossa existência para proteger-se e proteger o outro. Por outro lado, não podemos esquecer que toda escolha ocorre em situação, e a escolha por ficar em casa pode implicar tanto a interrupção de serviços essenciais à sociedade como o risco de perder o próprio emprego e não ter condições materiais para sustentar-se. Fica clara então a tensão da coexistência com o outro.

A perspectiva existencialista beauvoiriana recusa qualquer objetividade que seja colocada como exterior à escolha dos próprios seres humanos e adota uma moral existencialista que recusa toda moral e que caracteriza-se como uma “moral da ambiguidade”. Sobre a denominação dessa moral, Beauvoir escreve: “Uma moral da ambiguidade será uma moral que recusará negar *a priori* que existentes separados possam ao mesmo tempo estar ligados entre si e que suas liberdades singulares possam forjar leis válidas para todos.” (BEAUVOIR, 2005, p. 21) Nesse sentido, a filósofa concebe uma moral aberta a ser escrita e reescrita constantemente de modo que nenhum indivíduo seja desconsiderado enquanto presença no mundo e, ao mesmo tempo, que essa presença não anule a subjetividade alheia, não coisifique a si e nem o outro.

Beauvoir assinala a importância de reconhecer que cada existência singular humana interfere na outra ao agir, de modo que todos os indivíduos, livres, regulam por meio de seus atos e dos valores que neles forjam, o alcance da liberdade seja a sua própria ou a alheia; liberdade realizada em um mundo já constituído por valores e significações humanas desvelados, não se trata apenas da liberdade ontológica contingente e original que não pode ser arrancada do ser humano, mas também de uma liberdade no âmbito moral e concreto, em situação. (OLIVA, 2018, p. 108)

A tensão da coexistência e a responsabilidade da escolha serão conhecidas também pelas crianças quando estas chegarem à adolescência. E neste momento de isolamento, além de vivenciarem essa passagem, adolescentes também estão lidando com a acentuação desse encontro consigo. Tenho pensado que, dividindo o lar com outras pessoas ou morando só, nos aproximamos mais de nossa própria existência e de seu vazio outrora constantemente e aceleradamente preenchido por contextos como os de nossas relações afetivas, nossos vínculos profissionais e compromissos com a escola ou com a universidade. E agora? Quem sou eu no afastamento e no isolamento, dentro de casa? Quais são as referências de minha experiência vivida até há pouco tempo para justificar a minha existência neste momento?

Se eu pretendia contribuir com um movimento filosófico para a educação em seus estudos sobre o desenvolvimento do indivíduo visto pela ótica da existência trabalhando com Beauvoir em sala de aula, este meu texto suscita hoje ainda mais perguntas para refletirmos acerca desta crise. Seguindo a proposta visceral da filosofia, não trago respostas objetivas, continuo a colocar perguntas: como lidar com a formação de crianças e adolescentes,

especialmente durante a passagem para a vida adulta, em meio a descobertas existenciais, no contexto do isolamento social, da incerteza e do medo causados não apenas pela pandemia, mas por um contexto político tão sombrio?

Nesse cenário, às vezes utilizada com boa intenção, às vezes acompanhada de um projeto sedento de mercantilização, avizinham-se o ensino remoto e a educação a distância. Eis a tecnologia em sua ambiguidade, no sentido em que fala Adorno em *Educação após Auschwitz*, atravessando nossos projetos. Parece-me, tomando aqui Adorno como apoio, que há uma linha tênue entre a autonomia das pessoas capacitadas para executar certos conjuntos de procedimentos que facilitam o trabalho e a supervalorização da técnica em que a subjetividade se dissolve. (Cf. ADORNO, 1995, p. 132) Se os recursos tecnológicos facilitam a nossa comunicação e nos permitem transpor nossas atividades de ensino para realidade atual, não esqueçamo-nos da singularidade dessa realidade, de cada situação.

Vale notar que neste momento de crise que atravessa nossas vidas, as desigualdades se acentuam e as amarras da situação de opressão são ainda mais apertadas.² Esbocei acima uma imagem do existente preso consigo ampliada no contexto do isolamento para expressar essa liberdade que se converte em responsabilidade pulsante em cada sujeito que escuta a si mesmo, agora mais próximo, a perguntar o que fazer agora? Podemos justificar nossa existência, reconstruir nossa essência, a cada instante. Como lidar com a criança que, para além das facilidades tecnológicas utilizadas por sua escola, experienciará em si mesma e em seu corpo essa passagem que lhe revelará o peso de sua existência no mundo? E ainda, finalizo este texto construído em tempos tortuosos com um pequeno excuro, acrescentando uma outra pergunta, que vem a calhar: como eu vou lidar com o peso da minha existência e recriar não apenas minha existência no mundo, mas a relação com o outro?

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. “Educação após Auschwitz”. In: Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BEAUVOIR, Simone de. “Literatura e metafísica”. In: _____. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Tradução: Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1965, p.79-95.

² Conforme matéria intitulada “Desigualdade social e econômica em tempos de Covid-19”, veiculada pelo Portal Fiocruz em Maio de 2020.

_____. *Por uma moral da ambigüidade*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

“Desigualdade social e econômica em tempos de Covid-19”. Portal Fiocruz. 13 maio 2020. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/noticia/desigualdade-social-e-economica-em-tempos-de-covid-19>

OLIVA, J. Da sexualidade reificada à reciprocidade erótica no pensamento de Beauvoir. Tese (Doutorado em Filosofia). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. UNIFESP, Guarulhos, 2018.